

Em 2016 o Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM) chegou à sua sétima edição, realizada nas dependências da Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, na cidade de Limeira. Foi uma feliz oportunidade para, aproveitando o contexto interdisciplinar da FCA e do Nomear - Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Geografia, que foi o anfitrião do evento, houvesse o esforço de contemplar a abertura interdisciplinar no evento.

É verdade que os SEGHUMS, assim como **Geograficidade**, são expressamente interdisciplinares. No entanto, isso ficou mais evidenciado pela escolha dos temas da programação e pela composição das mesas, o que se reflete no Dossiê Geografia, Fenomenologia e Arte, o qual conta com cinco preciosos e diversificados artigos, como testemunho das discussões daquele dia.

O artigo que abre é uma tradução de texto escrito pelo geógrafo francês Augustin **Berque**, certamente uma das principais referências na apropriação do pensamento fenomenológico na Geografia. Orientalista com amplas e variadas influências (desde Heidegger passando pelos filósofos japoneses, como Tesuro), o texto de Berque foi preparado para o que seria sua conferência de abertura que, infelizmente, não aconteceu. No entanto, este texto inédito é uma bela contribuição para uma ontologia (mesológica) geográfica. "A cosmofania das realidades geográficas" foi traduzido por Fernanda Cristina de Paula e revisado por Werther Holzer.

Claudio Benito Oliveira **Ferraz** explora, em "Geofilosofia: de Nietzsche para a Geografia", uma das mais empolgantes fronteiras da Geografia: seu diálogo entre Nietzsche e a filosofia da diferença, discutindo os conceitos de terra e território na geofilosofia nietzschiana e seus desdobramentos no pensamento de Deleuze e Guatarri, buscando reverberá-los na Geografia.

O terceiro texto segue esta tônica, já que compôs a mesma mesa no evento, tematizando "A terra como desfundamento e desterritorialização em Deleuze e Guatarri". Assinado pela filósofa Zamara Araujo dos **Santos**, o texto realiza um itinerário pela obra dos dois autores permitindo aprofundar a reflexão sobre o sentido de Terra.

Mudando o tom, como testemunho de outra das mesas-redondas do evento, o artigo de Pierre **Caprez**, artista com doutorado em Arquitetura e Urbanismo, faz uma defesa, ou elogio: "Por uma geopoética urbana (arte, cidade e paisagem). Desdobrando a geograficidade dardelina e a fenomenologia da imaginação de Bachelard, o autor nos faz retornar ao desejo de uma outra cidade, de outras formas de habitar (poeticamente) o urbano.

Por fim, encerrando o dossiê, o ator e diretor Marcelo **Lazzaratto** nos convida a acompanhá-lo "Em busca pelo corpo-paisagem" - rico itinerário que desdobra o trabalho de construção de uma performance-pensante (o ator-pesquisador) que, poeticamente, vive este amálgama espaço-corporal no trabalho do ator.

Se nem todas as falas viraram textos que agora estão aqui reunidos, resta-nos os vídeos e as lembranças de tão marcante evento!

oOo

O número apresenta ainda dois artigos submetidos no fluxo contínuo, uma resenha e uma experimentação.

Quanto aos dois primeiros, os artigos trazem temas caros à Geografia Humanista e Fenomenológica em duas das vertentes mais marcantes do esforço contemporâneo. De um lado, Felipe Kevin Ramos da **Silva**, em "A geopoética do habitar na amazônia marajoara (Pará): fenomenologia da experiência ribeirinha" traz rico estudo fundado na experiência geográfica de seres-no-mundo, com traços geopoéticos sensíveis e marcantes (com apropriação do pensamento de Heidegger e Bachelard, por exemplo). De outro lado, José Luiz de **Carvalho** nos brinda com uma bela contribuição avaliativa do trabalho de um dos grandes geógrafos culturais: "Denis Cosgrove e o desenvolvimento da perspectiva simbólica e iconográfica da paisagem" nos permite novas perspectivas a partir desta densa e multifacetada obra que nos foi legada pelo geógrafo britânico.

O livro resenhado por Diogo Marçal **Cirqueira** refere-se à obra de Milton Santos, cuja revisitação é sempre bem-vinda. Escrita pelo jornalista Waldomiro Santos Jr., "Milton Santos: reflexões póstumas de um livre pensador", é uma obra particular, com tons literários ao assumir a voz do próprio M. Santos, como se este estivesse a rememorar e a falar de si em seu leito de morte.

Por fim, temos o prazer de fechar este número com a experimentação de Maruzia de Almeida **Dultra**, "Escrever: o decurso como experiência da pesquisa da vida toda, que não tem tamanho", reverberando sua dissertação de mestrado que propõe, ela própria, ser uma experimentação sensível e reflexiva.

Editor-Chefe